

**“Minha casa azul, protegida pelo manto de Nossa Senhora!”
Criação e co-criação de mundos por mulheres negras
assentadas no sul do Brasil**

*“My blue house, protected by our lady’s blue mantle!”
Creation and co-creation of worlds by black women settled in
southern Brazil*

Dayana Cristina Mezzonato Machado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, RS, Brasil

dayanacmma@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7212-0525>

Recebido em: 30 de dezembro de 2023

Aceito em: 30 de janeiro de 2024

Resumo

Esse ensaio é uma tentativa de evidenciar pistas da criação e co-criação de mundos por mulheres negras em contextos de luta pela terra no sul do Brasil. A partir do tremor (Glissant, 2010) provocado pelo encontro fortuito com Joseane Silveira durante pesquisa de campo com mulheres negras do Assentamento Filhos de Sepé em Viamão, Rio Grande do Sul, narro acontecimentos do cotidiano que emergiram no “momento exato da dança” (Pelbart, 2019). De tais acontecimentos, habitados pelo cultivo do belo, o gosto pelos trabalhos manuais e a perspectiva dadivosa da relação com os demais vivos, entreluzem pulsantes modos de existência, indicando pertencimento ao mundo (ao seu mundo) com a força de deslocar a noção de um mundo universal. Apresentam-se mundos nos quais a vida vivida se mostra na potencia de povoar o que existe com força e beleza, numa constante luta para viver como se deseja, aqui e agora. Atenta às encruzilhadas de mundos diferentes, o tremor do encontro teve a força de evidenciar fissuras do saber-fazer da pesquisadora, eclodindo perspectivas para encontros simétricos.

Palavras-chave: Mulheres negras. Pensamento do tremor. Pesquisa situada. Co-criação. Extensão rural.

Summary

This essay is an attempt to highlight clues about the creation and co-creation of worlds by black women in contexts of struggle for land in southern Brazil. Based on the tremor (Glissant, 2010) caused by the fortuitous meeting with Joseane Silveira during field research with black women from the Filhos de Sepé Settlement in Viamão, Rio Grande do Sul, I narrate everyday events that emerged at the “exact moment of the dance” (Pelbart, 2019). From such events, inhabited by the cultivation of beauty, the taste for manual work and the generous perspective of the relationship with other living people, pulsating modes of existence shine through, indicating belonging to the world (their world) with the power to displace the notion of a universal world. Worlds are presented in which lived life shows itself in the power to populate what exists with strength and beauty, in a constant struggle to live as one wishes, here and now. Attentive to the crossroads of different worlds, the tremor of the encounter had the strength to highlight fissures in the researcher's know-how, opening up perspectives for symmetrical encounters.

Keywords: Black women. Trembling thought. Situated research. Co-creation. Rural extension.

Introdução

Este ensaio contempla parte da pesquisa de campo do meu doutorado realizado no Assentamento Filhos de Sepé, município de Viamão, Rio Grande do Sul (RS) entre setembro de 2021 a março de 2023. Iniciei a pesquisa interessada em dialogar com mulheres negras assentadas sobre o sentido e significado de pobreza para elas. Interessava-me escutar o que tinham a falar sobre essa temática tão amplamente estudada na academia. Em geral, narrada por “vozes especialistas”, externas aos territórios “pobres”, a pobreza assumia um sentido unívoco em que a diversidade de corpos, territórios e modos de existir eram associadas à miséria, ao atraso, e não raras vezes, à violência (Marques, Machado, 2021). No percurso dessa tentativa de diálogo com as mulheres fui interpelada por imagens inquietantes, quando o belo abriu espaço para encontros inesperados fazendo emergir mundos, até então, não vistos pelas minhas lentes. Esse ensaio busca narrar alguns desses acontecimentos que se apresentaram enquanto fabulações de mundos em perspectivas dadivosas da vida, em co-produção com outros vivos e não vivos e que tiveram a força de deslocar o modo de ver e pensar da pesquisadora. O encontro fortuito com acontecimentos do cotidiano, que eclodiram como dimensões incapturáveis, está sendo refletido nesse ensaio a partir de dois conceitos, que serviram de guias metodológicos: o “pensamento do tremor”, de Edouard Glissant, 2014 e a “pesquisa situada”, de Donna Haraway, 1995. Trata-se de uma aposta metodológica na potência do “tremor” existente nos encontros entre as diferenças (Glissant, 2021), que se desafiou a confiar no inesperado – aquilo que me fez “tremar” – enquanto categoria epistemológica, capaz de gerar conhecimento vigoroso. Essa pesquisa soma-se a outros esforços que buscam evidenciar conhecimentos produzidos e refletidos juntos com o fazer, tentando simetrizar saberes que foram sendo subalternizados (Rancière, 1987; Spivak, 2010; Glissant, 2014). Tentando desviar de possíveis romantizações dos conhecimentos subalternizados, essa pesquisa buscou ainda vincular-se com a perspectiva do conhecimento situado (Haraway, 1995). Nesse sentido, essas reflexões não têm a pretensão de um conhecimento universal, que tenta compreender para explicar o Outro.

O martinicano Edouard Glissant (2014), no ensaio “O pensamento do tremor”, diz que precisamos de estremecimento, pois estamos sufocados em pensamentos sistemáticos e arrogantes. O pensamento do tremor, que também está vinculado ao pensamento arquipelágico – uma referência imagética ao conjunto de ilhas caribenhas, abertas e descontínuas, em oposição ao pensamento continental, contínuo, de uma

Europa autossuficiente em si mesma – relaciona-se com a errância e se abre ao futuro. O pensamento arquipelágico seria uma forma de pensar intuitiva, rizomática, associada ao imprevisto do caos-mundo (Glissant, 2014). Para Glissant (2014) o conhecimento se produz a partir da relação, do encontro inesperado e sugere que o pensamento do “tremor” pode nos ensinar “a nada subestimar desse mundo”. Diz ainda que não se pode conter o conhecimento, já que ele está nas “poeiras do mundo”. Desse modo, esse texto é um experimentar dessa contaminação com a “poeira do mundo”, sentindo os efeitos que ela pode provocar.

Minha relação com mulheres assentadas iniciou em 2003, no entanto, meu vínculo com mulheres em luta pela terra é mais antigo. Sou neta e bisneta de mulheres sem-terra. Descobri e me reconheci nesse lugar depois de muitas conversas com a minha avó, que foram ganhando novos sentidos no percurso de reflexão e elaboração da tese de doutorado. Minha avó conta que quando era bem pequena, sua mãe (minha bisavó Laura) ficou viúva. Minhas ancestrais viviam no interior de Minas Gerais, num pequeno pedaço de terra e tinham um armazém. Após a morte do meu bisavô, Laura foi roubada, e em pouco tempo ficou sem casa, sem terra e sem o armazém. Viu-se obrigada a viver e trabalhar como agregada nas terras de um homem que minha vó até hoje lembra com muita raiva. São histórias de um período de muita dificuldade, de diversos tipos de violências sofridas por essas duas mulheres, desde a violência patrimonial até a sexual. Mas ao mesmo tempo é um período que minha vó gosta de contar: ela fala com alegria dos plantios, da fartura das colheitas, dos detalhes das ervas medicinais e da satisfação de comer do próprio alimento, destacando sempre a admiração pela mulher lutadora que foi sua mãe, Laura. São histórias de resistência e de produção de re-existência dessas duas mulheres. Em 2003, quando cursava agronomia na Universidade Federal de Viçosa (UFV), reencontrei-me, de certo modo, com a história das minhas ancestrais quando, pela primeira vez, conheci pessoas que lutavam pela terra, ao participar do Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV)¹, organizado pelo movimento estudantil e movimentos de luta pela terra de Minas Gerais. Por quinze dias vivi com a família de dona Silica e seu Dico, na época recém assentados no município de Sete Lagoas, no Assentamento Resistência. Quando me formei, em 2005, fui trabalhar como extensionista rural em assentamentos de reforma agrária em Minas

¹ O EIV é um estágio organizado pelo movimento estudantil em aliança com movimentos sociais. Iniciou sua experiência em 1989 no curso de agronomia junto a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB) e desde então tem sido ampliado para outras áreas.

Gerais. Entre 2012 e 2015 trabalhei em assentamentos no Rio Grande do Sul, onde hoje eu vivo com a minha família e onde foi feita a pesquisa em questão.

Dessa longa trajetório com contextos de luta pela terra, aa vida cotidiana, assim como nas mobilizações, ocupações de terra, cursos e encontros em que estávamos juntas, as mulheres estávamos nas esferas de cuidado que garantiam as condições básicas e suficientes para a continuidade da vida. Lembro-me das ocupações quando, em cozinhas improvisadas, sempre tinha café passado e mandioca cozida. Nunca vou me esquecer do delicioso doce de abóbora com leite feito pelas mulheres na ocupação da fazenda Correnteças, quando, em meio a muitas tensões, elas nos presentearam com a doçura de suas mãos e corações atentos. As mulheres estavam no cuidado com a alimentação – desde o plantio até o preparo -, no cuidado com o embelezamento – da casa, do lote, do local da reunião -, no cuidado com a educação, com a mística, com a segurança. As mulheres lutaram pela presença das crianças nos espaços coletivos do MST, com a criação das cirandas infantis, elas garantiram suas participações nas reuniões da organização. Ainda que não seja somente destes lugares que elas narram suas histórias, são elas que majoritariamente os ocupam. Desse modo, a escolha por caminhar junto com mulheres relaciona-se com a opção por ouvir histórias que pudessem vir destes corpos-lugares: de luta e de cuidados com a manutenção da vida. Iniciei a pesquisa denominando as interlocutoras como “mulheres assentadas”, porém durante o trabalho de campo fui sendo alertada por elas que não se tratava de mulheres, no geral, mas de “mulheres negras”, mulheres de peles pretas e pardas.

Apresentar em breves palavras essa trajetória ancora-se nas contribuições de Carmela Cariño Trujillo (2013) e Donna Haraway (1995) sobre o conhecimento situado. Carmela, socióloga mexicana, afirma que a opção em situar desde onde se fala faz da nossa pesquisa um trabalho objetivo, ao mesmo tempo em que implica não assumir uma posição de especialista, pois se busca estabelecer um diálogo respeitoso com as interlocutoras, não se reduzindo à relação investigadora-objeto de investigação. Em aliança com Donna Haraway, Carmela fala sobre o perigo da romantização do outro, afirmando que não se habita naturalmente o terreno subterrâneo dos conhecimentos subjulgados. Nesse sentido, ainda que eu viva no território pesquisado há mais de dez anos, a possibilidade de não cair nas armadilhas da romantização – ou da docilização – dos conhecimentos das mulheres negras, deu-se pelo “tremor”, ou seja, pela sustentação do susto – do inesperado – que ao eclodir em mim, uma pesquisadora branca, entreluzia a possibilidade de deslocamento radical, a não captura do “outro”.

Esse ensaio está organizado em três seções, além dessa introdução. Na primeira, “Eu adoro azul”, por meio de fragmentos do diário de campo, problematizando a produção de registros para fins acadêmicos, reflito sobre os efeitos de imagens do cotidiano em um assentamento de reforma agrária. Produzidas juntamente com a interlocutora Joseane e o interlocutor Boca, as imagens afloraram reflexões sobre sua inscrição na produção de vida boa, entendida como a vida que se deseja viver, com gosto e satisfação. Na segunda seção, “Às vezes a gente olha, mas não enxerga”, experimentando a co-produção de um texto acadêmico em aliança com a interlocutora, eclodiram perspectivas dadivosas de mundos, em que criação e co-ciração entre vivos e não vivos se manifestam para modos de viver que se apresentam em conexão estreita com a terra. Na terceira, e última, parte, “Quando o encontro faz tremer”, apresento algumas reflexões sobre o fazer acadêmico quando ele se arrisca a fazer ciência *com* saberes outros, distanciando-se da ciência *sobre* saberes outros.

Eu adoro azul

No dia 26 de julho de 2022, caminhava pelo assentamento num belíssimo – e raro – dia de sol do chuvoso e prolongado inverno do ano de 2022, quando me deparei com Joseane pintando sua casa. O azul do céu e o azul da tinta iluminados pelo agradável calor de início de tarde chegavam a mim com uma sensação de prazer. Segui para o rumo de casa, mas a imagem de Joseane pintando seguiu reverberando em mim até que me tomou completamente com indagações das possíveis relações entre essa “paisagem” e os modos de existências das mulheres com as quais pesquisava.

Já se passavam das 13 horas, estava *hambrienta*, mas a vontade de registrar aquele momento era grande. Ainda que houvesse o receio quanto ao caráter ético do pedido para o registro – até então, Joseane não estava envolvida com a pesquisa do meu doutorado – passei a considerar a possibilidade de fazer algumas fotos e as implicações que ela me levaria. Em meio às dúvidas, decidi voltar. Chegando à casa de Joseane, cumprimentamo-nos e diretamente apresentei o motivo pelo qual estava ali. Disse que estava fazendo pesquisa com as mulheres do assentamento e que achei bonita a imagem dela pintando a casa. Perguntei se poderia fazer algumas fotos. Apesar de não termos contatos frequentes, a gente já se conhecia, Joseane é a filha mais nova de dona Eva – uma conhecida antiga, desde a época em que trabalhei na equipe técnica do assentamento – e isso pode ter facilitado sua aceitação. Ao final das imagens, que fiz com o celular, mostrei para ela e perguntei o que achava. Ela me disse que estavam boas

e que depois que terminasse me enviaria a pintura final da casa. Anotei o número do seu celular e nos despedimos. À noite, enviei para ela as fotos que havia feito. Reproduzo aqui como foi nosso diálogo pelo whatsapp.

Dayana: [Envio das sete fotos que registrei]

Dayana: Olá! Boa noite!

Joseane: Ficou assim [Foto com a fachada da casa toda pintada e seu marido na frente roçando].

Dayana: [Emoji de palmas]. Ficou linda. Pintou rápido hein?! [Emoji de Coração]

Joseane: Sim cansei.

Dayana: Usou que tinta?

Joseane: Cal colorante azul.

Joseane: Era assim. [Foto da casa antes da pintura com seu sobrinho Murilo dentro de uma bacia].

Dayana: Ficou lindíssima, já quero fazer aqui.

Joseane: Qui bom! [Emoji de coração e mãos unidas]. Gastei 15 reais pra pintar a frente.

Dayana: Bem econômico né?

Joseane: Super.

Joseane: Eu adoro azul, olha meu fogão que eu fiz. [Foto do fogão aceso].

Dayana: Bah! Que lindo que ficou!



Outra situação, na qual a atração, seguida do registro me atravessou foi quando passava próximo à roça de Osmar, que no assentamento todos o conhecem como Boca. Boca é companheiro de Lúcia, que já havia participado de entrevistas para pesquisa. Estavam ele, Jaio (irmão de Boca), Lucas (filho de Jaio), Dudu e Ícaro (dois adolescentes vizinhos de Boca) – que brincavam e cuidavam Domynik (neto de Boca). Lavravam a terra com uma junta de boi, Barrero e Carrero. Plantavam batata. Parei por alguns instantes observando os movimentos realizados na condução da atividade, ao lado a folia das crianças. Nesse momento eu disse/gritei, sem pensar: “Gostaria de fotografar vocês. Posso?” Disseram que sim. Enquanto pegava o celular, Boca me disse que o esperassem fazer a volta, assim ficaríamos mais próximos. Assim o fiz e registrei algumas imagens. À noite, Boca enviou-me por whatsapp várias fotos e alguns vídeos. Em seu status, do whatsapp, nesse mesmo dia, postou o vídeo em que seu neto segurava, com sua ajuda, o arado.

Assim como Joseane, Boca compartilhou comigo – e nesse caso, com seus conhecidos – aquele momento, e foram um pouco além do que havia pedido. Em ambos os casos eles tiveram a iniciativa de enviar seus próprios registros, os quais trago aqui. Joseane me mostrava seu fogão aceso, feito de modo artesanal e pintado de azul. Boca, a atividade de lavrar a terra com uma junta de boi acompanhado de amigos e família. Estavam compartilhando dimensões específicas de suas existências. O que estavam me dizendo ao me enviarem suas fotos? Sentia que Joseane e Boca me propunham que suas imagens compusessem, junto com as minhas, a narrativa visual sobre a vida vivida no território.

Quando pedi para fazer as fotos, não tinha muita coisa para apresentar a Joseane e Boca. Refletia, comigo mesma, que não fazia sentido tentar explicar toda a pesquisa buscando racionalmente argumentos para convencê-los da importância de tais imagens. Até porque os argumentos racionais simplesmente não existiam. O que existia era a vontade de registrar aqueles momentos, impulsionada por uma espécie de pressentimento da possível manifestação daquelas cenas como modos potentes de inscrição no mundo. A maneira de ser a mais ética possível foi dizer o pouco que eu tinha e seguir os desdobramentos a partir de nossa interação. Era uma aposta, como toda abordagem, na qual poderia haver, ou não, desdobramentos. Ser encontrada pelas pessoas comuns – em manifestações das vidas cotidianas –, pelo encontro fortuito, sem a mediação intencional, e permitir que desse “encontro” se desdobrassem relações se apresentava como nova caminhada para a pesquisa.



Até então, fazer fotos não era uma ação confortável pra mim. Meu receio por fazer registros pairava na dúvida sobre até que ponto seria ético utilizar imagens do outro, ainda que pedindo sua permissão, para ajudar na construção de argumentos que são do autor? A objetificação do outro parecia inevitável. No caso dessa pesquisa com mulheres negras assentadas, somava-se o fato de existir o uso, de certo modo vulgarizado, de imagens de mulheres que vivem na terra: às vezes como mulheres, na maioria não brancas, miserabilizadas, agonizantes por uma salvação; outras vezes como mulheres hiper felizes exibindo sua produção, em geral, resultado de algum projeto de desenvolvimento. Para mim, o registro corria sempre o risco de cair nessa polarização.

Em “Ensaio do assombro”, Peter Pál Pelbart (2019), ao falar sobre o trabalho etnográfico e fotográfico de Virgínia Medeiros com travestis, na periferia de Salvador, conta que “o desafio ao dar-lhes visibilidade é o de não cair no estereótipo obscuro ou na vitimização piedosa, extraindo dali uma luz que ninguém via, um calor que não aparecia, um modo de existência cuja ternura ou positividade a caricatura e a desqualificação social obnubilavam”. (Pelbart, 2019, p.223) A possibilidade de desviar da polarização caricata, que encobre as intensidades dos modos de existir, apresentou-se, portanto, como potente instrumento para se trabalhar a fotografia na pesquisa. No meu caso, havia luz, vista e sentida pelas personagens das imagens. Foi o calor dessa luz que começou a me autorizar.

Em seu livro “Diante da dor do outro”, Susan Sontag (2003) levanta questões sobre o efeito das imagens de sofrimento, com alto poder de impactar fotografias feitas em momentos de horror, como são as guerras. Sem apresentar respostas conclusivas, algumas de suas reflexões sobre fotografia me ajudaram a pensar a relação com a imagem e as escolhas que fiz para trazer a fotografia para a tese.

Em algumas imagens espetaculares, como é o caso de imagens de corpos não brancos, citadas por Sontag, “o outro, mesmo quando não se trata de um inimigo, só é visto como alguém para ser visto, e não como alguém (como nós) que também vê” (Sontag, 2003; p. 63). Assim, ela afirma não ser incomum imagens usadas pela mídia ou outros meios, sem ponderar que o fotografado em seu sofrimento ou morte tem família e amigos e que eles, eventualmente, poderão ver essas fotos.

Em geral, os corpos com ferimentos graves que aparecem em fotos publicadas são da Ásia ou da África. Essa praxe jornalística é herdeira do costume secular de exibir seres humanos exóticos – ou seja, colonizados africanos e habitantes de remotos países da Ásia foram mostrados, como animais de zoológico, em exposições etnológicas montadas em Londres, Paris e outras capitais europeias, desde o século XVI até o início do XX. (Sontag, 2003, p.62)

Quanto mais remoto e exótico for o lugar em relação ao fotógrafo, maiores as chances de se encontrar imagens aterrorizantes sem a preocupação ética de expor rostos e corpos destruídos. Imagens que mostram o sofrimento e a injustiça desses lugares acabam por reforçar a crença da inevitabilidade da tragédia em regiões consideradas pobres (Sontag, 2003). Assim, as fotos confirmam o que já se espera desses lugares, e ainda reafirmam o lugar seguro e externo de um eu que não se envolve, que pode se escandalizar, mas sem maiores repercussões. Ao final, o que resta é a reafirmação de seu lugar no mundo, de suas escolhas. Não há desestabilização.

Por outro lado, Sontag (2003, p.74) afirma que as fotos “traçam rotas de referência e servem como totens de causas: um sentimento tem mais chance de se cristalizar em torno de uma foto do que de um lema verbal”. Desse modo, as fotos também são, enquanto possibilidade de registro, inscrições no mundo. Evidenciar memórias por meio de fotografias e coloca-las para circular num sentido de povoamento da realidade (Glissant, 1981; Meneses, 2008) com seus vários mundos foi o convite e inspiração que senti ao ler Sontag.

Minha proximidade afetiva com as personagens das fotos amparava o cuidado ao fazer o registro e o modo como apresentar as imagens. Apostar nas imagens feitas no calor que minha intuição pedia, aproximava-se, da noção de que as fotografias poderiam “dar a ver seus personagens no presente do esplendor que eles reivindicam, fabricam e fabulam”. (Pelbart, 2019, p.226)

Inspirada por essas leituras e nos encontros com Joseane e Boca, as imagens emergiam como essa possibilidade de inscrição na realidade, um modo de povoá-la com cada vez mais mundos, habitando espaços. Aqui vale o sentido de “habitar o mundo” abordado por Tim Ingold (2012), em que as coisas estão em formação no seu próprio percurso de estar sendo, ao contrário de objetos acabados, limitados por suas superfícies, as coisas, para Ingold vazam, lançam fios, deixam rastros. Nesse sentido, talvez a fotografia nos ajude a evidenciar as possibilidades desse emaranhado de fios, a própria impossibilidade de contenção da vida na superfície acabada dos objetos (Ingold, 2012).

Apesar de pressentir, não sabia que desdobramentos viriam a partir do pedido de permissão aos interlocutores por registrar as cenas. O registro fez sentido de inscrição na realidade somente quando se desdobrou na relação com as (os) interlocutoras (es). O que quero dizer é que a força desses registros está na sua existência enquanto potência manifesta das personagens, que vieram traçar junto seu percurso. Aproximando-me das reflexões de Peter Pal (2019), essas imagens talvez sejam como “travessia do presente vivo na hora exata de sua dança, quando nada parece deslocado do mundo” (Pelbart, 2019). A sensação de pertencimento ao mundo (ao seu mundo) transmitida por essas imagens “na hora exata da sua dança” teve a força de deslocar a noção de um mundo universal padronizado.

Os dois momentos contavam-me histórias inesperadas de corpos-territórios² lidos como pobres, como em geral são lidas as mulheres, suas casas e os assentamentos de reforma agrária. Em um Mundo onde slogans do tipo “Agro é tech! Agro é pop! Agro é tudo” aparecem massivamente nos meios de comunicação, apresentando um modelo idealizado de rural a partir do modernizado, com homens brancos sorridentes conduzindo tratores ou manuseando tecnologias ditas “de ponta”, as imagens de pessoas não brancas (crianças, jovens, mulheres), de fogão a lenha artesanal, de junta de boi, de plantio de comida em assentamento de reforma agrária parecia me contar possibilidades outras.

Na conversa com Joseane por whatsapp ela mostrou contentamento com sua “arte” de pintar a casa, e ao enviar, por vontade própria, a foto do fogão artesanal pintado de azul com os dizeres “adoro azul” senti que havia desejo e satisfação por compartilhar sua criação. Com a força de ocupar uma fissura, por afirmarem não ser um tempo pretérito a ser superado, mas por estarem sendo agora, tais cenas chegavam até mim como vida boa sendo reivindicada, riquezas sendo fabuladas, belezas fabricadas em alianças com outros seres, vivos e não vivos. Sustentar a sensação indefinida, o tremor, que senti quando vi, pela primeira vez, Joseane pintando sua casa possibilitou dar sentido ao encontro com a manifestação do seu desejo por estar, ao seu modo, no mundo.

Joseane e Boca parecem reivindicar o “direito” ao seu modo de existência de uma maneira quase molecular, expressa no cotidiano, sem pretensões universais (Pelbart, 2019). Ocupando, sem pedir licença, as fissuras de um Mundo que se pretende universal fazem vazar as luzes dos seus mundos que, ainda que pareçam ofuscadas pelos holofotes da modernização, teimosamente dançam na escuridão como lampejos de vagalumes (Pelbart, 2019). Assim, nos dão pistas para conceber que o Mundo normatizado do capitalismo moderno-colonial é fissurado, incapaz de estar em tudo e dominar a todos, e abrem, portanto, espaço para imaginar que existências insubordinadas vão ocupando brechas, ampliando frestas, fazendo rachaduras.

² O uso da expressão “corpo-território” está inspirada na proposta de pensamento epistêmico das mulheres indígenas feministas comunitárias e territoriais. Para Lorena Cabnal (2010), pensadora maya-xinka, o feminismo comunitário vai sendo tecido desde o território histórico enquanto mulher indígena, desde seu corpo e de sua relação com a terra. O feminismo comunitário territorial é uma proposta epistêmica insurgente, legado de mulheres indígenas de *abya yala*. Para maiores informações ver o texto “Acercamiento a la construcción del pensamiento epistêmico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala”, na publicação “Feminismos diversos: el feminismo comunitário” (Cabnal, 2010).

Aproximando-se um pouco da noção de colcha de retalhos, que Anna Tsing (2022) atribui ao capitalismo; ou o mundo das médias, como nos aponta Glissant (1981). O autor martinicano fala do caos-mundo como substituição da noção universal fundada na homogeneização vinda do norte, nesse caos-mundo se fazem presentes todos os povos em suas diferenças, em que cada um deles pode reivindicar-se aí.

“Às vezes a gente olha, mas não enxerga”

No dia 06 de setembro comuniquei-me novamente com Joseane informando que havia escrito sobre a nossa primeira conversa. Disse que gostaria de mostrar como estava o texto e dialogar um pouco mais sobre a pesquisa. Perguntei se ela teria interesse em conversar e se estaria em casa no dia seguinte, quarta-feira, 07 de setembro de 2022. Respondeu-me que sim, e então acertamos o horário.

Quando cheguei ela veio até o portão para me receber e caminhamos até a varanda que fica na frente da casa. Na parte dos fundos do quintal estavam seu filho, brincando de laçar, e seu companheiro, trabalhando com a motosserra – que deduzi pelo barulho – em alguma atividade que de longe não pude identificar. Um cachorrinho nos seguiu até a varanda e ensaiou alguns rosnados que logo foram acalmados por Joseane. Sentamos em um banco de madeira e ela me disse que ali estava fresquinho. O chão estava úmido apesar de a varanda ser coberta, ela disse que ali juntava muita pulga, por isso molhava, pois as pulgas gostam de lugares secos.

Eu havia imprimido o texto que escrevi sobre nosso primeiro encontro, tirei-o então de minha sacola e disse que gostaria de ler com ela, pois era o que pretendia apresentar na universidade, e considerava importante que ela opinasse e conversássemos sobre seu conteúdo e as imagens. Era uma tentativa da minha parte de experimentar uma devolutiva sobre a pesquisa ou quem sabe o início de um co-labor? Tal exercício apresentou-se interessante, me fez pensar sobre a importância e o cuidado ao escrever, pois o texto elaborado seria lido para além da academia. Como me contou a pedagoga e doutora em Desenvolvimento Rural, Jenifer Medeiros, ela escreveu sua tese pensando que gostaria que sua mãe a lesse e a compreendesse. No meu caso, pensava na leitura feita por cada uma que participou da pesquisa. O texto lido em voz alta com Joseane – que deixei com ela ao final de nosso encontro – são as sete páginas iniciais do texto de subtítulo “Eu adoro azul”, acima.

Terminada a leitura ela disse que estava bom, disse-me para corrigir a informação sobre a criança da foto que estava na bacia. Eu havia entendido que era seu filho, Eliédson, mas me informou que era Murilo, seu sobrinho. Em seguida, iniciamos uma conversa sobre a motivação para fazer os registros e a pintura da casa. Perguntei-lhe como foi essa ideia de pintar de azul. Ela iniciou me contando que seu companheiro torce pelo time de futebol Internacional, simbolizado pela cor vermelha, e que ela é gremista, portanto gosta de azul³. Além disso, quando foram comprar a tinta na ferragem só havia cor azul, por isso ficou azul mesmo. Senti que Joseane iniciava uma conversa calma, apesar de ser feriado, ela não aparentava ter pressa. Ao perceber sua disponibilidade para a prosa, interrompi-a perguntando se poderia anotar algumas coisas enquanto conversávamos. Disse-me que sim. Então ela continuou, apontando para o gramado do quintal a nossa frente:

Estava tudo verdinho, eu achava que ia dar um contraste bonito com o azul. Todas as pessoas que moraram aqui antes da gente nunca cuidaram muito dessa casa, parecia sempre velha e feia. Por exemplo, todas essas flores que eu plantei aqui nesses vasos - tem vermelha, amarela, rosa – ficam lindas com o azul. Aqui não tinha flor quando eu cheguei, enchi tudo de flor. Tá vendo aquela roseira trepadeira lá na cerca?! Estava quase morrendo. Eu adubei e capinei o mato da volta. Ela é linda, dá uma cachopa de florzinha rosa, bem rosinha, que enche a cerca, coisa mais linda. Eu acho que se a gente mudar, fazer movimentar, sempre vem uma maré de coisas boas. Por isso estou sempre mudando, renovando. Dentro de casa é assim também, estou sempre mudando as coisas de lugar, movimenta a energia.

Joseane e seu companheiro, Maia, apesar de serem filhos de assentados, ainda não possuem um lote próprio regularizado no assentamento, e estão tentando essa formalização junto ao INCRA. Como dito antes, Joseane é filha de dona Eva, que em 1998, quando foi criado o Assentamento Filhos de Sepé, chegou aqui com a família. Nessa época Joseane tinha apenas 15 dias de vida. Quando casou com Maia mudou-se para o município de Herval, onde moraram por quatro anos no assentamento 18 de maio. Em 2021 retornaram para Viamão.

Comentei sobre a foto do fogão à lenha. Ela me contou que aprendeu observando sua mãe fazer, pois na época do acampamento as pessoas não podiam ter fogão de ferro, devido as constantes mudanças, esse tipo de fogão se despedaçava. Assim, o faziam o fogão de barro que, com materiais locais, se construía com facilidade. Quando precisavam mudar, em função dos despejos, faziam outro fogão. A

³ No Rio Grande do Sul existe uma cultura de rivalidade entre dois grandes times de futebol, o Internacional, de cor vermelha, e o Grêmio, de cor azul. Essa rivalidade se estende para práticas do cotidiano de muitas formas, sendo muitas que muitas vezes entra na esfera da brincadeira, sendo razões de disputa de cores de roupa, de bolo de aniversário, dentre outros.

prática ficou até os dias atuais. Nesse momento eu disse que ela parecia gostar de trabalhos manuais e artísticos. Ao que me disse

Sou devota de Nossa Senhora Aparecida, que inclusive é a padroeira aqui do assentamento. Eu tenho uma santinha que eu mesma fiz, lá em Herval. Então logo que eu cheguei aqui achei um toco de uma árvore bem grande que estava oco por dentro e achei o lugar perfeito para fazer ali a capela da minha Santa. Lá em Herval tem um rio onde a água mesmo faz as coisas. Sempre que posso eu trago alguma coisa que o rio oferece. As pedras também, quando vou ao rio já levo a sacola. Então eu achei um pedaço de madeira no rio que, visto de costas, era a imagem pronta do manto da Santa. Peguei pra fazer a imagem e colocar no meu altar.

Joseane começou a me apresentar sua relação próxima e atenta com o rio, observadora das águas que fazem obras de arte com pedras e paus, e das árvores que com seus troncos ocos oferecem possibilidades para co-criações humanas e não-humanas. Quando notei que Joseane vinculava nosso diálogo às relações entre as coisas da terra com o belo (a beleza) senti que seria esse o rastro da nossa conversa. E foi por aí que o encontro se desdobrou.

Antes de seguir com o curso da nossa prosa gostaria de fazer uma pequena pausa. Quando percebi esse sentimento – de seguir o rastro que Joseane ia fazendo a partir da beleza das co-criações – habitou-se em mim um deslocamento radical. Por alguns segundos rememorei conversas (ou a sensação das conversas) de visitas que havia feito com muitas pessoas durante o trabalho de extensionista. Como comentei na introdução, trabalhei na extensão rural em assentamentos durante dez anos. Então, numa espécie de “viagem de milésimos de segundos” visualizei que o rumo da prosa poderia ter sido outro. Se fosse antes, era provável que eu a questionasse sobre as dificuldades enfrentadas em sua regularização no assentamento, ou eu poderia ter perguntado “por que voltaram de Herval?” Ou ainda: “Além das flores, o que vocês plantam para alimentação? Plantam algo para renda”? Quando percebi que essas perguntas não vieram para a roda, que eu não as verbalizei e não dei a elas um lugar de importância no diálogo, ao contrário, segui o rastro daquilo que Joseane ia me apresentando, e nesse caso era sua relação com a arte, a beleza e os demais seres da terra, senti que havia chance para a simetrização dos saberes. Estava deslocando no meu corpo o saber-fazer da extensionista rural, um tipo de conhecimento que por anos havia ocupado (ocupa?) espaço em mim. Instruída, junto a muitos, para “resolver problemas”, não sabia enxergar belezas, ou simplesmente não dava importância àquilo que o Outro estava querendo conversar. Em geral, os extensionistas nos antecipamos, e já estamos em prontidão para decifrar o Outro, numa busca incontrolável, e não rara vezes com muito

boas intenções, por salvá-lo. Suportar esse tremor do encontro com a beleza apresentada por Joseane desdobrou em reflexões que apresentarei na última parte desse ensaio.

Retomando à conversa com Joseane ela me contou que o primeiro altar que fizeram não havia ficado muito bom, pois quando chovia molhava por dentro. “Então a gente tá tentando colocar uma lajota no teto pra não molhar mais.” Era isso que ela e seu companheiro estavam fazendo quando cheguei. Perguntei se poderia ver a Nossa Senhora. Saiu por alguns instantes e voltou com a Santa. Mostrou-me o encantador trabalho talhado pelas águas do rio de Herval e pelas suas mãos. Fizemos algumas fotos e em seguida começamos a caminhar. Ao sair da varanda em direção ao quintal, um pouco antes de chegarmos até uma árvore ela disse: “Às vezes a gente olha, mas não enxerga”. Essa frase me estremeceu e seguiu martelando a minha cabeça.

Depois de alguns instantes perguntei como ela geralmente se identifica, apresentando algumas situações: “como agricultora, como assentada, ou alguma outra definição?”. Disse-me que assentada ainda não era, pois estava tentando sua regularização. Mas geralmente diz que mora no assentamento e que é filha de assentada, “sou filha de agricultores, sou agricultora também”. Disse-me que às vezes as pessoas os chamam de sem-terra, “mas sem-terra nós não somos, pois nós temos terra”. Contou-me um caso. Estava vindo no ônibus do centro de Viamão para o bairro Morro Grande, onde moramos, quando, ao passarem na frente ao assentamento⁴ (numa entrada anterior ao seu ponto de descida), ouviu dois rapazes comentarem que os sem-terra eram iguais aos índios, eles ganham um salário do governo todo o mês. Segundo ela, a conversa tinha um tom que associavam indígenas e sem-terra a ladrões e vagabundos. “As pessoas acham que aqui a gente vive à custa do governo, eles estão muito enganados. Aqui a gente vive como pode, do jeito que cada um consegue. Alguns vivendo somente da terra, outros podem ter enjoado de trabalhar só na agricultura e podem trabalhar fora também e cada um vai se virando. Mas muita gente pensa que a gente é ladrão”. Em seguida voltou a falar dos indígenas afirmando que não sabia se eles ganhavam um salário, mas que se o recebessem achava justo, pois tiveram suas terras tomadas, seja

⁴ Por ter uma área territorial grande, 7.500 hectares aproximadamente, o assentamento é dividido em setores de moradia, A, B, C e D. Por isso existem várias entradas para o assentamento pela RS 040. A entrada para o setor A fica próxima ao pedágio na parada 72, e para o setor D, próximo a localidade de Águas Claras (área urbanizada) na parada 84. O setor C, onde moramos, fica no bairro Morro Grande, na altura da parada 93 A, e é o mais afastado do centro de Viamão e também da RS 040. As pessoas dos outros setores dizem que a gente fica no “fundão”. O setor B tem entrada pela RS 118.

por fazendeiro ou grandes projetos de mineração que foram desapropriando o que era deles, e já não podiam viver mais como era antes.

Comentei que essa pesquisa que tinha relação com a construção de uma imagem do assentamento e das pessoas que aqui vivem como miseráveis, e dependentes do governo, como me contava, associadas muitas vezes como violentas, selvagens. Uma imagem construída geralmente por pessoas que não conhecem a realidade do assentamento, e por isso estava interessada em apresentar o que as pessoas que aqui vivem pensam. Ela concordou, mas me disse que os dois rapazes não desconheciam totalmente o assentamento, pois estudavam no colégio Canquerini, (que fica na localidade de Capão da Porteira, bairro próximo ao assentamento) onde também estudam jovens que são do assentamento. Joseane apresentava um exemplo de como se manifesta no cotidiano a reprodução do imaginário que associa raça e pobreza a corpos-territórios vistos como inviáveis.

O assentamento Filhos de Sepé possui pelo menos três entradas que podem ser acessadas ao longo da RS 040, rodovia estadual que liga Porto Alegre ao litoral norte gaúcho. Não muito distante do assentamento, seguindo pela mesma rodovia, existe a comunidade indígena Mbya Guarani Tekoa Nhundy, que é chamada pelos não indígenas de Aldeia da Estiva. Nela vivem, desde 2002, 38 famílias numa área de sete hectares cedida pela prefeitura de Viamão. Assim, a região de Águas Claras, Morro Grande e Estiva são conhecidas pela presença desses corpos-territórios não brancos associados à pobreza. Os rapazes que conversavam no ônibus supunham que os sem-terra, classificados tão pobres quanto os índios, ganhavam do governo um salário para viver. Essa pobreza, que era ao mesmo tempo raça, estava condenada pela preguiça e dependência dos governos.

Em seu trabalho de conclusão de curso em pedagogia, Ivanilde Silva, que em língua indígena se chama Kerexu, mulher Mbya Guarani fala sobre a Tekoa Nhundy, a aldeia da Estiva.

Na aldeia Nhundy há somente 7 hectares para 38 famílias, o que não nos permite plantar adequadamente e nem sequer para nossos parentes que moram conosco. Isto deixou minha mãe muito desanimada, pois no costume mbyá guarani, a gente semeia alimento e conhecimento. No mês da colheita, sempre convidamos os parentes para ir na aldeia, comer conosco e levar para suas casas alimentos e sementes. Não ter uma kokué adequada é o mesmo que não ter o lugar fértil de abundância cultural e nutricional (Silva, 2021).

Em sua pesquisa, Kerexu está trazendo a kokué (roça, em português) como lugar de encontro de saberes indígenas, evidenciando que a escola está também na roça, no

seu preparo por meio da roda do fogo onde se aprende a ouvir os mais velhos e a planejar o será plantado. A kokué é o lugar de muitos encontros. Impossibilitados de terem um “lugar fértil de abundância cultural e nutricional” ela e sua família mudaram-se para a aldeia Para Rôke, em Rio Grande, no sul do RS. Ao contar sua história de vida e sua relação com a educação indígena e não indígena, Kerexu vai nos apresentando noções sobre modos de habitar o mundo. Sua descrição profunda escancara os limites do imaginário que coloniza e reduz raça a pobreza e miséria. Quando se toma como referencial um Mundo uniformizado e desenvolvimento a partir do acúmulo de bens materiais, como parecia ser a noção sustentada pelos rapazes do ônibus, não restam possibilidades senão o apagamento de existências Outras. E uma das formas de apagar o Outro é torna-lo inviável, incapaz de estar ao seu modo no mundo.

Voltando à conversa com Joseane, durante a caminhada pelo quintal, mostrou-me um terrário que fez com uma garrafa de vidro, estava pendurado em uma das árvores com correntes largas e antigas, já um pouco oxidadas. Dentro havia diversas plantas que formavam um pequeno jardim, porém com grande variedade de plantas cactáceas. Contou-me que todos aqueles objetos encontravam-se abandonados e como os uniu para formar, com delicadeza, aquela peça. Em seguida foi me mostrando suas flores, algumas plantadas em troncos, outras em pneus, garrafas pets, e sua “arte” ia sendo apresentada com gosto. Joseane me guiava, contava um pouco sobre o arranjo de flores e de certo modo eu sentia que ela aguardava pelo registro. Assim, entramos numa sincronia na qual eu ia fotografando cada uma das obras apontadas por ela enquanto me explicava como havia criado. Alguns eram de materiais reciclados, outros ela havia colhido nas matas. Mudas e sementes que haviam sido compartilhadas entre amigos, parentes ou oferecidas pela mãe-natureza.

Nossa conversa também atravessou as plantas medicinais. Passamos pela erva santa e Joseane disse ser usada para dar banho na criança que está com alergia, com brotoeja do calor. Mostrou-me três mudas de tucum, estavam todas com as folhas bem secas, ela não sabia se iam sobreviver, tinham trazido do mato há poucos dias e estavam tentando fazer pegar. Ela me disse que o tucum cura o sapinho quando recolhe; “quando no hospital já não se pode mais salvar a criança, na roça se usa o tucum”. Contou que certa ocasião um sobrinho estava quase morrendo e então ela foi com seu pai pegar a folha do tucum no mato para fazerem o chá. Foi o que salvou a criança. Disse que a fruta é igual uma uva, só que melhor. “Mas tem que cuidar, porque o tronco é virado em espinho”. Falou que quando tem, ela passa só comendo frutas, nem precisa de comida.

Mostrou-me o salvão, usado para gripe; o fumeiro brabo, que se faz o chá das raízes para curar pontada; a erva baleeira, para alergias. Comentei que costumava usar o chá da erva baleeira, quando sinto dor nas costas. Ela me disse que não é todo mundo que pode tomar o chá, porque “faz sair tudo”. Perguntei o que fazia sair. Disse-me que faz sair as sujeiras do corpo em feridas, e alertou-me que pode ser alérgica para alguns. “Meu irmão quase morreu, porque é alérgico. A mulher dele fazia o chá para dar banho na criança que estava com coceira, e então ela dava o banho e deixava a bacia embaixo da cama. A cabeça do meu irmão começou a inchar, ficando enorme e ninguém sabia a razão. Foi então que lembraram da bacia com o chá da erva baleeira e a tiraram debaixo da cama.” Os conhecimentos sobre as plantas que Joseane apresentava eram sempre referendados no seu falecido pai ou na sua mãe, saberes transmitidos pela oralidade e sobre os quais Joseane apresentava grande admiração.

Chegamos até o local onde estava sua capela. As peças e ferramentas do conserto que ela e seu companheiro faziam estavam ao lado, junto ao tronco oco da árvore, que aparentava ser um eucalipto, nascia um limoeiro, que fora mantido ali. Havia pequenos animais de plástico, pedras de vários tipos, uma caneca com um sorriso bem grande, Nossa Senhora Aparecida esculpida por Joseane e pelas águas do rio de Herval e outra imagem menor da Santa, de material sintético. Havia alguns pedaços de piso e um vidro grande para fechar a capela. Nesse momento, seu filho chegou com o cavalo e o ajeitou para dar banho. Em seguida, nos despedimos.

Seguir os rastros das conversas com Joseane me fez perceber que os sentidos e significados apresentados por ela parecem indicar que a existência se faz no estar emaranhada com as coisas da terra (Ingold, 2012; Krenak, 2019) em seus fluxos de vida e morte. Coisas da terra entendidas aqui como natureza selvagem (Krenak, 2019). Do profundo conhecimento de vida ao lado das ervas medicinais e das plantas nativas se faz o cuidado da saúde e da nutrição do corpo, mas também a nutrição do belo, da “arte”, da permissão para criar. Da intimidade com as águas e a perspectiva dadivosa da vida, em que se está pronta para receber, nascem co-produções artísticas continuadas por mãos humanas que alcançam o lugar do sagrado e da proteção.

Depois dessa conversa, Joseane enviou-me, no mesmo dia à noite, as fotos de sua capela finalizada, com a delicadeza de apresentar o antes e o depois. Enviou-me ainda fotos de seu filho e também ela junto a seu companheiro de mãos dadas em frente à capela. Uma foto de seu filho dando banho no cavalo e outra de um prato de amoras. Por fim, a foto com a seguinte legenda: “E ficou assim. Minha casa azul protegida pelo

manto azul de Nossa Senhora Aparecida”. Joseane apresentava mais um sentido para a cor azul, aquela que provocou o nosso encontro.

Quando buscamos refletir juntas sobre a cor azul iniciou-se um movimento que foi sendo fabulado. O sentido da cor, que iniciou com os times de futebol, passou pela cor que tinha disponível na ferragem e foi sendo fabulado até se apresentar enquanto a cor do manto de Nossa Senhora, que protege sua casa e sua família. Os mundos e o “real” não estão dados para serem descobertos pelo pesquisador, eles se fabulam e vão se apresentando em co-criação. Joseane foi me mostrando sua perspectiva dadivosa de fazer com que aquilo que há na vida se converta naquilo que se deseja. Não há passividade ou acomodação, ao contrário está em jogo um movimento potente, arborescente, de buscar, criar, fabular sentidos para o que existe, de povoar o que existe de força e de beleza!





Quando o encontro faz tremer

O encontro com Joseane apontou sobre a existência de perspectivas dadivosas, autorizadas em receber e compartilhar com a natureza e, por ser parte, protege-la, proteger-se. Há pertencimento pelo mundo nessa relação. Há criação, fabulação de sentidos para o que existe, povoando o que se tem de força e beleza!

Esse ensaio é também um exercício metodológico de experimentar a produção textual a partir da escrita situada. Buscando sustentar a pesquisa, as reflexões e a escrita desde o lugar onde vivo e me relaciono com as interlocutoras, que são também amigas e vizinhas. Foi um intenso processo de ir se sentindo parte, a partir da diferença. Percebo que a pesquisa foi se tornando ética, e ao mesmo tempo autêntica, na medida em que foi possível caber na opacidade da diferença (Glissant, 2014). E essa medida passou

também pelo reconhecimento e tentativas – devo dizer, nem sempre bem sucedidas – da igualdade, aquela da qual nos fala Rancière (1987; 1988). Buscando escutar os incômodos – seja por desconforto, seja por alegria – que ressoavam a partir dos encontros com minhas amigas foi se apresentando possível a igualdade na diferença. Existe uma ficção na sociedade moderna que concebe o mundo como estando entregue e disponível, sempre ali, dado a qualquer bom pesquisador que se fizer presente. Mas a vida não se apresenta de qualquer modo, há que se cultivar um cuidado com o que acontece, uma atitude que mantém os sentidos vigilantes, que pressentem e captam quando a água do chimarrão está no ponto, assim, pode ser que se abram possibilidades para as danças serem testemunhadas, no seu exato momento, como foi com Joseane. Nos encontros das diferenças, presumidas por uma igualdade *à priori*, eclodem possibilidades de encontros potentes, como os que pude viver e sentir.

Dentre os caminhos tortuosos percorridos por essa pesquisa, a sensação de pertencimento na diferença entreluziu como conhecimento/sentimento novo e transgressor para a pesquisadora. O direito à opacidade, com o qual nos presenteia Glissant, foi fundamental para caber na diferença. Compreender o direito à opacidade do Outro (que vai deixando de ser Outro) passou por entender meu direito à opacidade também. No encontro, os mundos – que não estão disponíveis e transparentes à compreensão – se fabulam e se apresentam nas intensidades cabíveis dos desejos, dos sonhos, das esperanças de cada acontecimento. Permitir o “outro delirante” em mim não significou o meu apagamento, ou a tentativa de me tornar o outro, ao contrário, foi da aposta no encontro entre as diferenças, justamente por sermos iguais, que eclodiu a potência de mundo à espreita de co-criação. Talvez seja por isso que muitas comunidades tradicionais sejam abertas ao encontro. Não há receio ou medo, também não há espera de salvação; tem sabedoria na crença de novos mundos porvir quando acontece um encontro.

Essa contribuição, parcial e localizada, foi possível graças ao convívio que nós mulheres nos permitimos estabelecer em relações de afeto e reflexões com a pesquisa. Experimentei nessa pesquisa a sensação de estar na fronteira entre uma mulher, branca, que vive há um pouco mais de dez anos no assentamento e a pesquisadora (e extensionista) instruída em escolas republicanas colonizadas. O difícil exercício de me despir cotidianamente da posição privilegiada sobre a qual paira a academia, a pesquisadora, aliou-se às tentativas de sustentação de que o “real” não está ali, disponível, em que supostamente bastaria apenas uma “tomada de consciência” ou

“maior precisão” do meu olhar enquanto cientista (Anjos, 2004). Esse foi um dos grandes aprendizados dessa caminhada: como já mencionado, o “real” se fabula no encontro, entre mulheres assentadas e na relação das interlocutoras com a pesquisadora. Há muito mundo e muita vida.

Ao concluir esse ensaio, parece-me absurdo, mas gostaria de afirmar isso: a vida é vivida em suas intensidades por todos os seres viventes. Tal afirmação não deveria ser óbvia? Pois para mim não era; e foi um assombro deparar-me com as intensidades da vida. Quero dizer: dar-me conta de que, em algum lugar em mim eu não percebia/sentia isso, mesmo vivendo na fronteira de um corpo-território lido como subalterno. Nesse texto, procurei compartilhar da minha experiência de tremores e assombros a partir dos encontros com narrativas subalternizadas, por desconfiar que esse experimento poder ser um modo de “não dar nada a ninguém”, tampouco ler e interpretar corpos transparentes, mas, quando possível, fabular juntas. Desconfio ainda que, tais assombramentos, possam se encontrar com outros corpos brancos, educados em escolas e famílias republicanas e humanistas que, assim como eu, estão na academia.

Desconfiando de uma narrativa que homogeneizou muitos mundos de vidas e empobreceu a discussão sobre a diversidade e as potencialidades dos modos de existir essa pesquisa nasceu. Do incômodo com o desencontro dos textos institucionais sobre pobreza e a percepção da vida vivida nos territórios denominados “pobres” brotou o desejo por “dar voz às subalternizadas” para que elas então falassem sobre sua “realidade”. Ao longo dos cinco anos de doutoramento, tal desejo foi sendo cotidianamente transformado em um processo intenso de desconstrução tanto da ideia “de dar voz a alguém” como da noção de encontrar “a realidade”. Buscando sustentar os encontros assustadores com as sombras colonizadas em mim, esse texto tenta suportar também a escrita de um intenso processo de desconstrução pessoal.

Ouvindo o retumbar da observação de Joseane: “Às vezes a gente olha, mas não enxerga”; arrisco dizer que, como extensionistas rurais – instruídos em escolas republicanas, marcadas pelas continuidades coloniais – não estamos conseguindo ver, pois estamos desconectados da intimidade entre os vivos, os seres e as coisas da terra. Enxergar parece demandar de um tempo e de uma intimidade que talvez precise de algumas desconstruções críticas daquilo que sempre se viu. As lentes colonizadas, acostumadas em ver somente o que falta, nos cegam de ver beleza e mundos complexos; nos impede de ver corpos e espaços em constante luta pela vida, que se reivindica digna. E mais, têm nos impedido de fabular e co-criar juntas. O desenvolvimento está nos

des-envolvendo da vida (Anglade, 1983), dessa possibilidade incrível de co-criação. E se passarmos a considerar que as experiências autóctones das pessoas simples têm mundos que estão sendo fabulados enquanto vidas dignas que reivindicam o seu modo para habitar o tempo-espaço? O que pode acontecer do encontro (Glissant, 2021) legítimo desses mundos de vida e os especialistas, instruídos em escolas republicanas? Esse texto sugere um despretenso convite à reflexão e experimentação para novas possibilidades de encontros.

Referências

ANJOS, José Carlos dos. Brasil: uma nação contra as suas minorias. **Revista De Psicanálise Da SPPA**, v. 26, n.3, p. 507–522, 2020. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/469>. Acesso em: 16 fev. 2022.

ANJOS, J. C. dos. Bourdieu e Foucault: derivas de um espaço epistêmico. **Anos 90**, v. 11, n. 19, p. 139–165, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6354> Acesso em: 12 maio 2023.

ANGLADE, Georges. **Éloge de la Pauvreté**. Montréal: ERCE Études et Recherches critiques d'espace, 1983. Disponível em http://classiques.uqac.ca/contemporains/anglade_georges/eloge_de_la_pauvrete/eloge_de_la_pauvrete.html. Acesso em: 29 ago. 2020.

CABNAL, Lorena. (2010) “Acercamiento a la construcción del pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala” en Lorena Cabnal y Asociación para la Cooperación con el Sur, **Feminismos diversos: el feminismo comunitario**. España: ACSUR-Las Segovias. Disponível em < (<https://porunavidavivible.files.wordpress.com/2012/09/feminismos-comunitario-lorena-cabnal.pdf>) Acesso 05 abr 2022.

GLISSANT, Édouard. O mesmo e o diverso. Tradução: Normélia Parise. *In*

GLISSANT, Édouard. **Le discours antillais**. Paris: Seuil, 1981. Disponível em <https://www.ufrgs.br/cdrom/glissant/glissant.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2022.

GLISSANT, Édouard. Pela Opacidade. Tradução: Keila Prado Costa e Henrique de Toledo Groke. **Revista Criação & Crítica**, v. 1, p.53-55, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/64102/66809>. Acesso em: 28 dez. 2022.

GLISSANT, Édouard. **O pensamento do tremor**. Juiz de Fora: Gallimard, Editora UFJF, 2014.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. Conocimientos situado. In HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres**. Madrid: Cátedra, 1995.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, v. 18, n.37, p. 25-44, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2019.

MEDEIROS, Jenifer Cristine. **Trajetória do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA): as capacidades do Estado em questão**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

PELBART, Peter Pál. **Ensaaios do assombro**. São Paulo: N-1 edições, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 1987.

RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 edições, 2022.